A Década Pitagórica[i]

Também conhecida como a Dezena Pitagórica, ou Série Esotérica dos Dez Números Fundamentais, demonstra, s.m.o., quanto os pitagóricos foram maçons, ou quanto os maçons são pitagóricos… e pode ser definida como:

- Uma série de dez unidades.

- A série dos dez primeiros números.

Embora os dois conceitos sejam verdadeiros, do ponto de vista filosófico e esotérico o segundo conceito parece o mais adequado, conforme se passa a demonstrar.

Mônada (Um)

Devemos salientar que os pitagóricos não reconheciam o número um como um número (filosoficamente falando), pois para eles o número um seria, ao mesmo tempo, a Unidade e o Todo, representando Deus e o Universo antes da manifestação (criação do mundo). Tal conceito equivale, nas filosofias orientais, a Parabhahman ou Tao, ideação suprema da qual tudo provém e para a qual, um dia, tudo retornará. Pela nossa absoluta incapacidade de perceber a “Divindade” nesse estado imanifestado (Deus em Si mesmo), representamo-Lo por vários nomes: Unidade, Todo, Mônada, Autogerado, Princípio Criador dos Números, Número dos Números, etc.

Sendo “Tudo”, a unidade não pode produzir nada (porque se produzisse algo além dela, ela deixaria de ser “Tudo”), a não ser opondo-se a si mesma, ou seja, desdobrando-se na Diada (número dois).

A mônada, adicionada a si mesma, produz o número dois; porém, multiplicada por si mesma, permanece una e inalterada, conforme demonstração que se segue:

1 + 1 = 2
1 x 1 = 1

Por todos esses motivos, a Mônada é considerada sagrada e também o mais positivo de todos os números existentes.

No que se refere à interpretação maçônica dos números pitagóricos, o um é associado ao “olho que tudo vê”, o Grande Arquiteto de Todos os Mundos.

É também associado ao Sol (Inicio), é o Mago nos arcano do Tarôt (a carta número V).

Díada (Dois)[ii]

É, portanto, o primeiro dos números pitagóricos, pois, como referido, eles não consideravam o número um como um número. É também o primeiro número par e o mais passivo de todos os números, por ser dual e polarizado; simboliza, por esse motivo, as Energias Opostas no Universo Manifestado; Bem e Mal, Luz e Trevas, Negativo e Positivo, etc.

É também chamado de Espelho, Reflexo, Binário, Desdobramento, Oposição; Pitágoras referia-se a ele como o número da Audácia, por ser o primeiro a ter coragem de se separar do Divino número um.

Diferente da Mônada, é um número que, somado ou multiplicado por si mesmo, permanece com o mesmo resultado:

2 + 2 = 4
2 x 2 = 4

No que se refere à interpretação maçônica dos números pitagóricos, o dois é associado às duas Colunas do Templo[iii] e ao Pavimento Mosaico.

É também associado á Lua (as emoções), é a Sacerdotisa nos arcano do Tarôt (a carta número IV).

Tríade (Três)

Da união da unidade com a Dualidade (1 + 2),nasce o número perfeito, também chamado de Terceiro Princípio, Ternário, Trindade de todas as Religiões, Deus Manifestado. É o número da forma, pois nada existe sem ter três dimensões (comprimento, largura e altura) e também o número do amor, por representar o mistério do produto da união do Ativo e do Passivo, que gera o Filho. Representa também a Divindade no seu Triplice aspecto: Força, Beleza e Sabedoria.

No que se refere à interpretação maçônica dos números pitagóricos, o três é associado às Três Grandes Luzes da Maçonaria[iv] e a Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

É também associado a Júpiter (a expansão), ao signo de Sagitário, é a Imperatriz nos arcano do Tarôt (a carta número IX).

Tétrada (Quatro)

Pitágoras referia-se a este número como “O maior milagre” pelas suas correspondências com a Tetráktis. Quatro é o número da natureza, pois quatro são os elementos que a compõem: Terra, Água, Ar e Fogo; quatro são os pontos que a controlam: Norte, Sul, Este e Oeste; quatro são as estações nas quais ela se manifesta: Verão, Outono, Inverno e Primavera. Estas características conferem ao nosso planeta um “ritmo quaternário”, cuja representação é o Quadrado e a Cruz.

No que se refere à interpretação maçônica dos números pitagóricos, o quatro é associado às quatro viagens iniciáticas e os quatro degraus que, em alguns Ritos, separam o oriente do ocidente.

É também associado a Úrano (inovação), ao signo de Aquário, é o Imperador nos arcano do Tarôt (a carta número XI).

Pêntada (Cinco)

É o número da União ou do Casamento, por nascer dos contrários, ou seja, da união do primeiro número par (2) com o primeiro número impar (3).

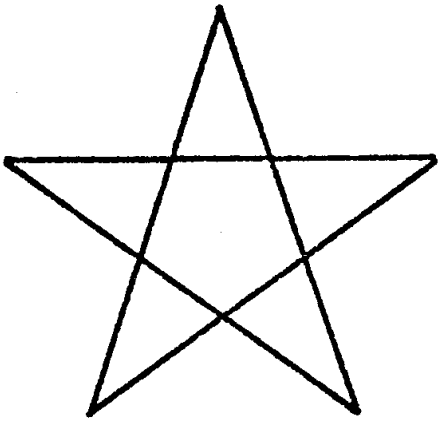
2 + 3 = 5

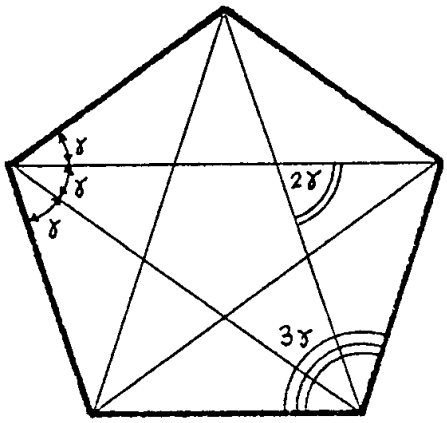
É também denominado de “número do equilíbrio”, pelo facto de dividir a Década em duas partes exatamente iguais.

O seu símbolo é a balança e o seu arquétipo é a justiça.

Representa também o Homem, que é o “meio entre os extremos” (semianimal e semianjo).

Na forma estelar é o símbolo de identificação dos pitagóricos, normalmente inscrito nos seus anéis. Relaciona-se, nos planos mais elevados, com o éter ou akasha, que é o quinto elemento ou a quintessência.





No que se refere à interpretação maçônica dos números pitagóricos, o cinco é associado à Estrela Flamígera e todo o simbolismo do Grau de Companheiro.

É também associado a Mercúrio (comunicação), ao signo de Gémeos, as cartas III e VI do Tarôt.

Héxada (Seis)

Assim como o cinco é o produto da adição de 2 + 3, a héxada é o produto da multiplicação de 2 x 3, simbolizando o “resultado” do casamento, que é a geração do “filho”.

O Simbolo hieroglífico desse número é o hexagrama (estrela de seis pontas) construído a partir de dois triângulos: um com a ponta voltada para cima, outro para baixo, representando o macro e o microcosmos ou, ainda, o Espírito e a matéria (*Metaphisis e phisis*).

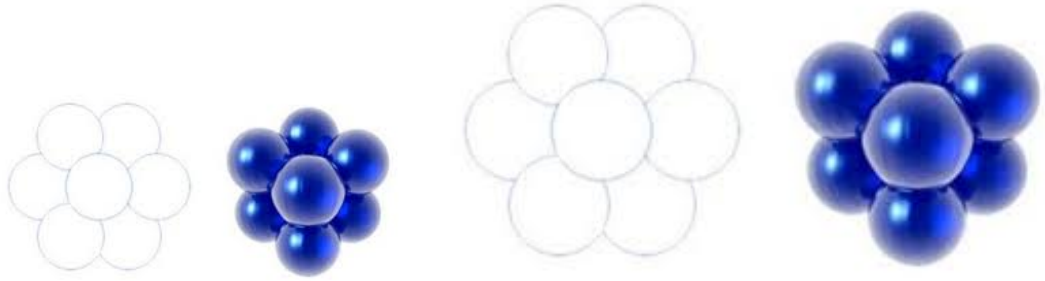
A Héxada, na sua tríplice apresentação (666), é o maior de todos os enigmas, ainda não decifrado.

No que se refere à interpretação maçônica dos números pitagóricos, o seis é associado aos seis lados do Cubo (Pedra Cúbica) e as seis Joias de uma Loja.

É também associado a Vénus (ao amor e a beleza), ao signo de Touro, são os Amantes nos arcano do Tarôt (as cartas números II e VII).

Héptada (Sete)

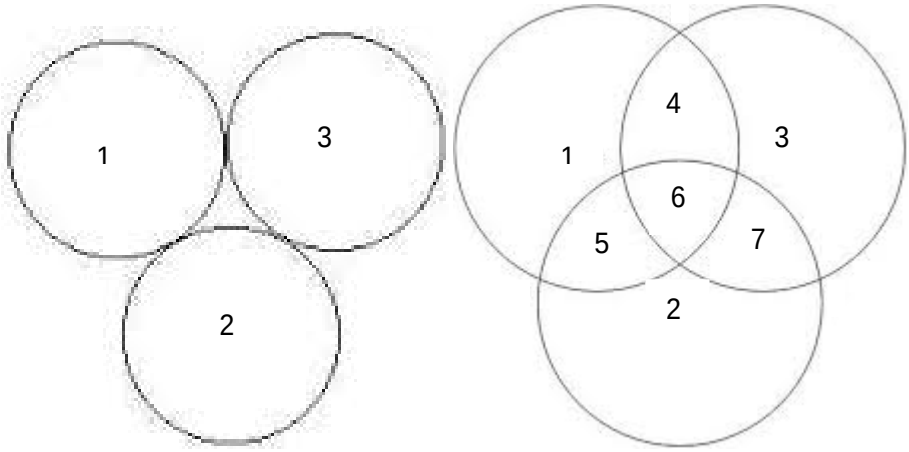
Pitágoras foi o primeiro a perceber que o círculo, a circunferência e a esfera (símbolos de Apolo, o deus Sol), quando "envolvidos dos seus semelhantes, geram o número sete". Observou também que esse fenômeno independe do tamanho das citadas figuras geométricas:



Desse fenômeno, concluiu que o sete o mais misterioso e isotérico de todos os números; rege a manifestação e a evolução, pois tudo o que evolui obedece a um "padrão setenário":

- As sete notas musicais;
- As sete cores da luz, quando decomposta por meio de um prisma ou do arco-íris;
- Os sete chacras: raiz, umbilical, esplênico, coronário, laríngeo, frontal e coronal;
- Os sete pontos referenciais do espaço: alto, baixo, direita, esquerda, frente, trás e centro;
- Os sete "veículos" ou corpos do Homem: físico, duplo-etérico, astral, mental concreto, mental abstrato, intuitivo e espiritual;
- Os sete tipos de cristais na natureza: moniclínico, triclínico, orto-rômbico, tetragonal, cúbico, trigonal e hexagonal;
- Os sete períodos da vida humana: infância, adolescência, juventude, idade adulta, maturidade, velhice e senilidade;

Os pitagóricos perceberam, também, que o sete tem a sua origem geométrica no número três.



No que se refere à interpretação maçônica dos números pitagóricos, o sete é associado aos sete Mestres e toda a simbologia do Terceiro Grau.

É também associado a Neptuno (misticismo), é o Carro nos arcano do Tarôt (a carta número XII).

Octôada (Oito)

Relacionado às “oitavas musicais” e às “oitavas de luz” ou “oitavas celestiais”, é o número da harmonia e de tudo o que é infinito.

Os pitagóricos admiravam a sua propriedade de “ser formado” e “dividir-se” em partes iguais, por meio de números pares:

2 + 2 + 2 + 2 = 8
8 / 2 = 4
4 / 2 = 2

É também associado a Saturno (ambição, poder e dinheiro), ao signo de Capricórnio, é a Justiça nos arcano do Tarôt (a carta número X).

Enéada (Nove)

O número nove é como o horizonte, que delimita todos os demais. Quando multiplicado por qualquer outro número, sempre retorna a si mesmo, aplicando-se a redução pitagórico:

9 x 2 = 18 (1 + 8 = 9)
9 x 5 = 45 (4 + 5 = 9)
9 x 8 =72 (7 + 2 = 9)
9 x 9 = 81 (8 + 1 = 9)

É um número perfeito por ser gerado por outro número perfeito, que é o três (3 x 3 = 9).

No que se refere à interpretação maçônica dos números pitagóricos, o nove é associado à corda de 81 nós (9 x 9).

É também associado a Marte e Plutão (iluminação e a morte), ao signo de Escorpião, é o Eremita nos arcano do Tarôt (a carta número VIII).

Década (Dez)

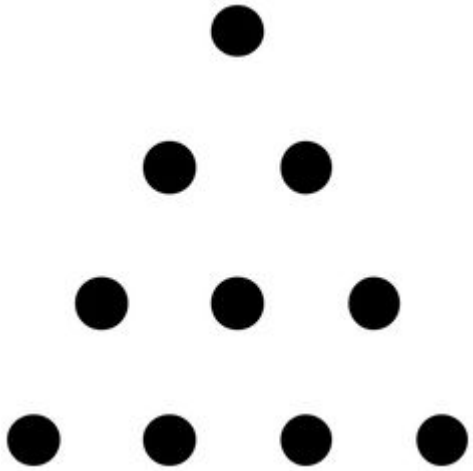
É a plena realização dos números. O seu nome em grego é *Panteleia*, que significa “o todo completo” ou “o tudo consumado”. A década, para ser ultrapassada deve retornar à unidade.

10 – através da redução pitagórica – 1 + 0 = 1

Por conter em si todos os números, é também denominada por “fonte da natureza eterna” e “recetáculo de todos os números”.

<u>A sagrada Tetráktis</u>

A figura mais sagrada para os pitagóricos era a tetráktis, símbolo construído com o auxílio de dez pequenas pedras ou esferas, dispostas de forma a formarem um triângulo equilátero, no qual está contida, em perfeita harmonia geométrica, a sequência 1… 2… 3… 4.



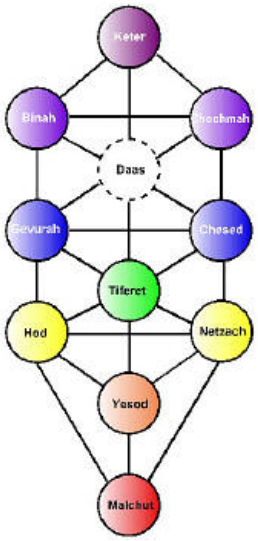
A soma dessa sequência é igual a dez, ou seja, 1 + 2 + 3 + 4 = 10.

Dez é o número perfeito, que contém em si mesmo todos os outros, simbolizando, por isso mesmo, Deus e o universo.

Segundo Arquitas[v], a tetráktis é "o símbolo dos supremos processos e forças do Cosmos" e "a chave de todas as proporções harmónicas". Também conhecida como a "pirâmide dos pontos pitagóricos", sobre ela, os iniciados de Krotona[vi] prestavam o seu juramento de nada revelar aos profanos, com relação aos Mistérios Sagrado.

A sua simbologia, extremamente complexa, pode ser abordada, tal qual as "mandalas indianas"[vii], sob dezenas de aspetos.

1. Musical: As suas proporções revelam os intervalos das "oitavas musicais", assim como o "diapente[viii]" e o "diatessarom". Pitágoras, que estudou música e tocava Lira, provavelmente inspirou-se nas proporções das cordas[ix] para elaborar a tetráktis.
2. Cabala: As pedras ou esferas da tetráktis assemelham-se, em número e disposição, aos conceitos cabalísticos das sephirots[x] da "árvore da vida".



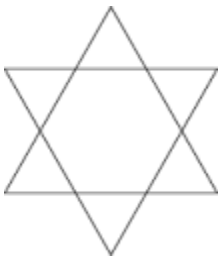
3. Geometria Esotérica: Na tetráktis estão ocultos sete símbolos sagrados:

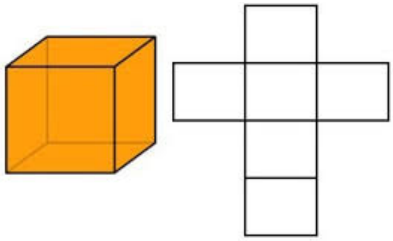
O triângulo, que representa, em todas as religiões, os três aspetos da Divindade; Pai, Filho e Espirito Santo no Cristianismo; Ísis, Osíris e Hórus nos Mistérios Egípcios[xi]; Brahma, Vishnu e Shiva no Hinduísmo[xii]; Sabedoria, Beleza e Força na Maçonaria.

O quadrado duplo, ou retângulo perfeito, cuja proporção (2:1) é áurea, um número irracional e transcendental, de grande importância na arquitetura sagrada (construção de Templos, Igrejas e Lojas Maçónicas).

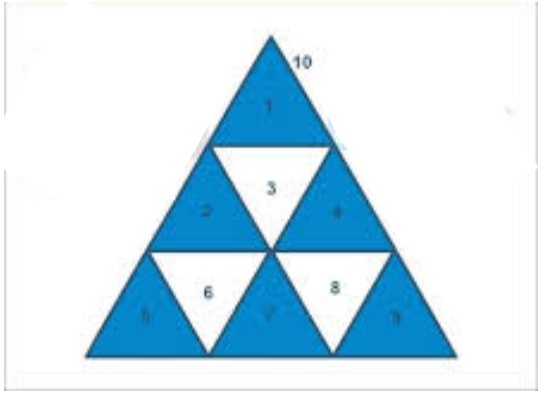
O hexágono (hexa = 6 e gono = lado), figura geométrica de 6 lados iguais, da qual tem origem a Estrela de Seis Pontas, também conhecida como Hexagrama ou Estrela do Rei Salomão.

A estrela de Seis Pontas, representativa dos dois triângulos, o Superior e o inferior, ou o Espírito e a Matéria. Essa estrela também apresenta analogia e correspondência com a Pedra Cúbica[xiii] e com a Cruz[xiv].

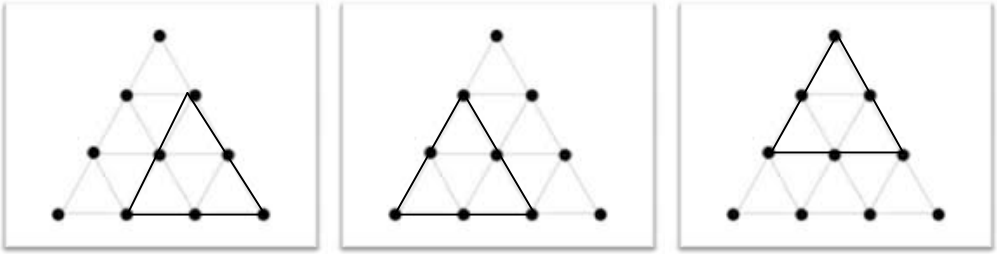




Os nove triângulos menores (3 x 3), que são, entre muitas outras coisas, a saudação maçônica universal e o Tríplice e Fraternal Abraço dos Maçons.



O triângulo com um ponto central (o Olho que tudo vê), excelsa representação maçônica do Grande Arquiteto de Todos os Mundos[xv], inspirado no Sol refletido na Grande Pirâmide de Quéops.
Os três triângulos entrelaçados, ou as Três Grandes Luzes da Maçonaria: O Livro da Lei, o Compasso e o Esquadro.



4. Filosófica: Segundo Pitágoras, nos quatro primeiros números estão encerrados todos os Mistérios da Vida:

   O número um, representado por um ponto, portanto incomensurável e adimensional, é o início e a origem de tudo (a própria Divindade).

   O número dois, representado por uma linha reta, é o ponto em movimento, ou, a sua extensão. Representa a dualidade, a polaridade e a soma dos opostos, maçonicamente configurado no “pavimento mosaico”.

   O número três, representado por uma superfície é a linha em movimento, ou a sua extensão. Representa os três aspetos da Divindade: Vontade, Amor e Inteligência; representa também a tríade maçônica: Força, Beleza e Sabedoria.

   O número quatro, representado pelo primeiro sólido geométrico (tetraedro, aquele que tem o menor número possível de lados) e que simboliza a superfície manifestando-se no plano tridimensional (altura, largura e comprimento que é o atributo da matéria e dos seus componentes, isto é, os quatro elementos: terra, água, ar e fogo).

   Esses quatro números possuem interessantes correlações com a tetráktis e também com a filosofia pitagórica, conforme podemos observar na tabela seguinte:

	1	Ponto	Adimensional	
	2	Linha	Unidimensional	
	3	Superfície	Bidimensional	
	4	Sólido Geométrico	Tridimensional	

Na prática, a Década Pitagórica e a Tétraktis, que são como as duas faces de uma mesma moeda, servem também de fundamento à Numerologia[xvi], com a qual se faz a análise esotérica de números, datas e nomes, levando-se em consideração apenas os dez primeiros números. O processo é simples, se quisermos saber. Por exemplo, o significado esotérico do número 476, procederemos da seguinte forma:

476 = 4 + 7 + 6 = 17

17 = 1 + 7 = 8

O número 476 é, portanto, regido pelo número 8 e apresenta todas as suas virtudes, vícios, tendências e influências. Por meio destete processo, denominado por redução Pitagórica, podemos também analisar datas, por exemplo, 05/08/1942

5 + 8 + 1942 = 5 + 8 + 1 + 9 + 4 + 2 = 29

29 = 2 + 9 = 11

11 = 1 + 1 = 2

Portanto, quem nasceu nesse dia é regido pelo número 2, que é o número da manifestação, da indecisão, da polaridade e dos opostos, entre muitas outras coisas como anteriormente referido.

Para a análise numerológica de nomes, aplica-se em primeiro lugar uma tabela de equivalência entre números e letras, procedendo-se posteriormente da mesma forma do adoptado para os números.

TABELA DE EQUIVALÊNCIA ENTRE LETRAS E NÚMEROS								
SISTEMA PITAGÓRICO								
1	2	3	4	5	6	7	8	9
A	B	C	D	E	F	G	H	I
J	K	L	M	N	O	P	Q	R
S	T	U	V	W	X	Y	Z	

---

[i] Extr. e Adapt. CONTE, Carlos Brasílio.

[ii] Pitágoras, quando explicava aos recém-iniciados o significado e o valor dos números, detinha-se longamente no número dois, ensinando que ele representa a dualidade, o contraste entre os opostos e a polaridade que gera a existência dos elementos contrários, demonstrando que a vida emita esse número e que, nela, cada vez que surge algum bem, imediatamente se manifesta o seu oposto, que é o mal; assim, sempre que surge um movimento filosófico ou espiritual, um outro movimento, contrário, vem fazer-lhe oposição. Com o passar das épocas, a própria história se encarregou de confirmar essa lição: a cruz cristã e a espada romana, a heresia albigense e as cruzadas, a maçonaria e o jesuitismo são apenas alguns exemplos; aos pitagóricos, porém, não foram necessários séculos ou milénios para comprovarem tais lições. (CONTE, Carlos Brasílio).

[iii] Colunas “J” e “B”.

[iv] O Esquadro, o Compasso e o Livro da Lei.

[v] Arquitas foi um dos mais notáveis discípulos de Pitágoras, é através dos seus escritos, juntamente com os de outro discípulo, Filolau, que conhecemos muitos dos pensamentos e a filosofia do Mestre Sâmico. Pitágoras era também conhecido como o Mestre Sâmico, fazendo-se alusão à ilha de Samos de que era natural.

[vi] Idealizada por Pitágoras, a escola de Krotona, também conhecida como “Escola Itálica” ou “sociedade Iniciática dos Mistérios Pitagóricos”, representou o coroamento da sua missão na terra. Os trabalhos de edificação duraram cerca de 18 meses e foram supervisionados pessoalmente por ele, tomando grande atenção a todos os pormenores, desde a orientação geográfica e magnética do Templo até às proporções das suas colunas e do seu átrio, que deveriam obedecer a todos os cânones da Geometria Sagrada e da Divina Proporção.

Esta Academia manteve-se em plena atividade durante 40 anos, funcionando nos moldes em que atualmente funcionam as faculdades e universidades, tinha três objetivos principais:

- Manter e proteger todo o conhecimento humano disponível;
- Desenvolver pesquisas nas áreas da ciência, medicina, higiene, astronomia e astrologia, arquitetura, música, esoterismo, entre outras;
- Promover o ensino e a difusão da cultura, visando o progresso da cidade de Krotona e o bem-estar de toda a Humanidade.

Essa era a parte visível da Academia, da qual todos tinham conhecimento. Mas, nas sombras da noite, havia também reuniões secretas, nos moldes da atual Maçonaria, nas quais participavam apenas os escolhidos criteriosamente, pois a admissão nesse “grupo secreto” dependia de três fatores – Convite, Sindicâncias e Provas. (Extr. e Adapt. TAYLOR, Thomas).

[vii] Mandala significa círculo em palavra sânscrito. Mandala também possui outros significados, como círculo mágico ou concentração de energia, e universalmente a mandala é o símbolo da integração e da harmonia.

A mandala é uma espécie de *yantra* (instrumento, meio, emblema) que em diversas línguas da península indostânica significa círculo. Em rigor, mandalas são diagramas geométricos rituais: alguns deles correspondem concretamente a determinado atributo divino e outros são a manifestação de certa forma de encantamento (*mantra*).

A sua antiguidade remonta pelo menos ao século VIII a.C. e são usadas como instrumentos de concentração e para atingir estados superiores de meditação (sobretudo no Tibete e no budismo japonês).

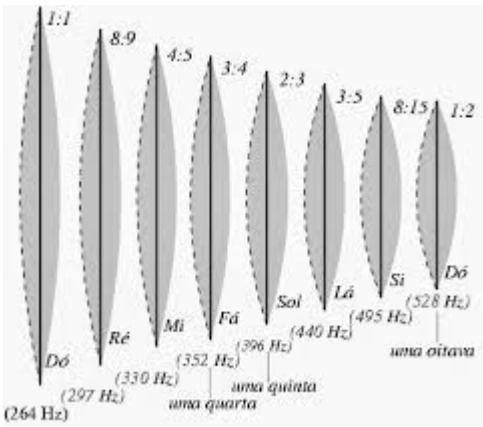
Durante muito tempo, a mandala foi usada como expressão artística e religiosa, através de pinturas rupestres, no símbolo chinês do Yin e Yang, nos yantras indianos, nas *thangkas* tibetanas, nos rituais de cura e arte indígenas e na arte sacra de vários séculos.

No budismo, a mandala é um tipo de diagrama que simboliza uma mansão sagrada, o palácio de uma divindade. Geralmente, as mandalas são pintadas como *thangkas* e representadas em madeira ou metal ou construídas com areia colorida sobre uma plataforma. Quando a mandala é feita com areia, logo após algumas cerimônias, a areia é jogada em um rio, para que as bênçãos se espalhem.

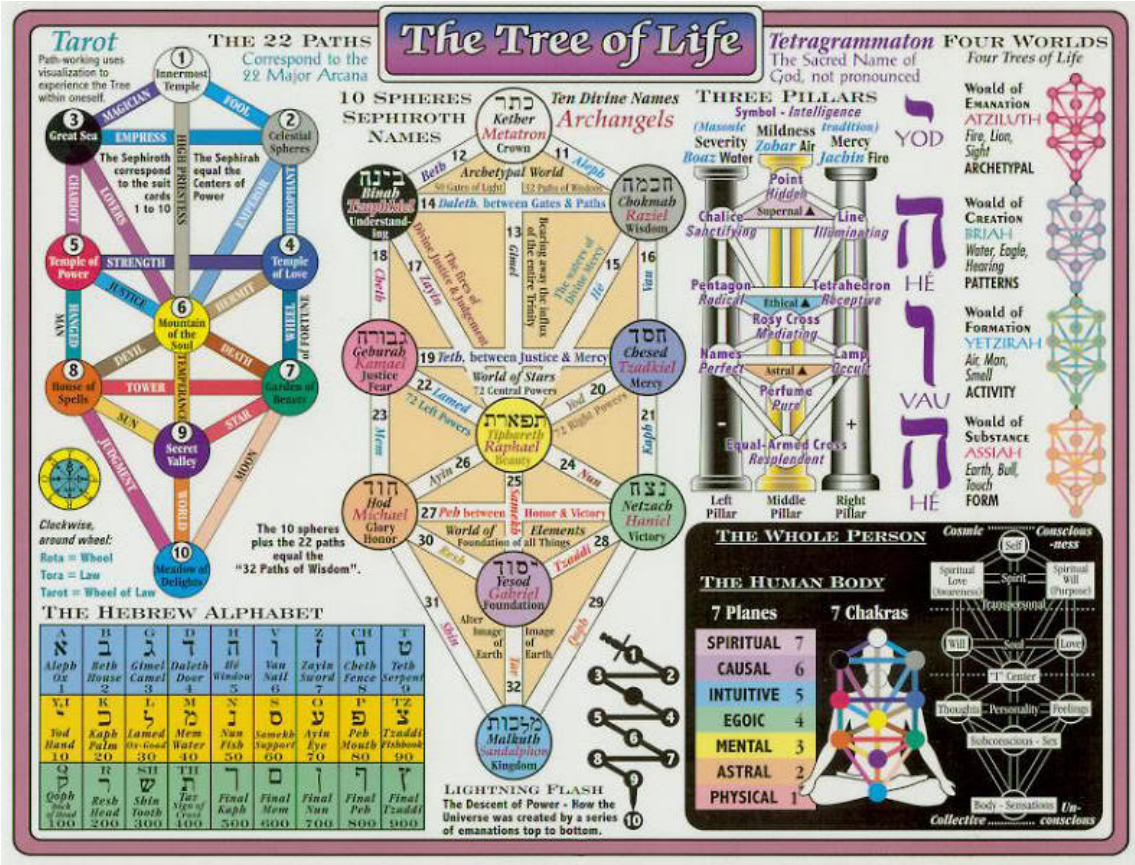
Carl Jung descreve as mandalas como quadros representativos ideais ou personificações ideais que se manifestam na psicoterapia, interpretando-as como símbolos da personalidade no processo da individualização. (In, Segredos da Madala, Autor Desconhecido).

[viii] Espaço de uma quinta ou de cinco notas seguidas durante uma música.

[ix] A concepção pitagórica dos números surgiu dos seus estudos e observações no campo da música. Tendo construído um monocórdio (instrumento musical de uma corda apenas), Pitágoras verifica que o som produzido por essa corda varia de acordo com o seu tamanho e, a partir dessa observação, estabelece os intervalos musicais e a lei das oitavas. (Extr, e Adap. ALLMAN, G. F.).



[x] Sefirot (também grafado Sephiroth, cujo singular é sephira ou sefira) são as dez emanações de *Ain Soph* na cabala. Segundo a cabala, Ain Soph é um princípio que permanece não manifestado e é incompreensível à inteligência humana. Deste princípio emanam os Sefirot em sucessão. Esta sucessão de emanações forma a árvore da vida. (In Wikipedia).



[xi] A deusa Ísis é uma das principais divindades da mitologia egípcia, embora o seu culto transcenda as fronteiras do Egito e se estenda por todo o universo greco-romano, chegando inclusive às terras nas quais atualmente se localiza a Alemanha. A sua veneração parece remontar a pouco tempo após 2500 a.C., à V dinastia egípcia.

(Deusa Isis. Ilustração: Vladimir Zadvinskii / Shutterstock.com)

Ela é a primogênita do deus da Terra, Geb, e da divindade que rege o Cosmos, Nut. O seu irmão Osíris torna-se seu marido, com o qual ela concebe Hórus, deus do firmamento, inebriado de energia solar. O outro irmão, Seth, responsável pelos desertos, transforma-se no principal inimigo do casal.

Seth invejava profundamente a sorte de Osíris, que tinha como missão governar a terra, mais especificamente o Egito, e assim teve a oportunidade de transmitir aos homens conhecimentos preciosos sobre agricultura e o trato com os animais. Segundo a mitologia egípcia, Osíris é traído por Seth, morto e esquartejado por esta divindade que é associada à essência do mal.

Ísis, desesperada, consegue reunir todos os membros do marido, com exceção do genital masculino, trocado por um órgão de ouro. Ela o ressuscita graças aos seus dotes mágicos e ao seu poder da cura. Logo depois eles concebem Hórus, que vai à revanche matando Seth.

Ísis é exatamente assim, zelosa com todos, sejam escravos ou nobres, pecadores ou santos, governantes ou governados, homens ou mulheres. Ela olha por todos com o mesmo empenho protetor, a mesma solicitude, exercitando assim sua natureza radicalmente maternal e fértil.

Por muito tempo esta deusa foi venerada como a representação maior da essência materna e da esposa perfeita, além de velar também pelo reino natural, portanto, por todas as dimensões da existência. Ela era vista igualmente como um símbolo do que há de mais singelo, dos que morrem e daqueles que nascem. Uma mitologia tardia atribui às cheias do Rio Nilo, que ocorriam uma vez por ano, as lágrimas derramadas por Ísis pela perda de seu amado.

Ano após ano a morte e a ressurreição de Osíris foram relembradas em diversos rituais; no Egito preserva-se uma festa denominada a Noite da Lágrima. Ela ocorre em junho, portanto é conhecida como Festival Junino de Lelat-al-Nuktah.

Nesta tradição, mantida pelo povo árabe, revive-se o enlace de Geb e Nut, ou seja, da Terra e do Firmamento, e o surgimento de sua descendência, que inclui Ísis e Osíris, além de seus irmãos, que assim totalizam nove deuses, a famosa Enéada, que teve seu princípio com a Divindade criadora originária.

Juntos, Ísis e Osíris simbolizavam a realeza do Egito. Ela representava o trono no qual despontava o poder real do marido. O culto desta deusa foi de grande importância na Antiguidade, especialmente no Império Romano, no qual ela obteve muitos discípulos. Hoje a arqueologia comprova este fato, e é possível encontrar vestígios de templos e monumentos piramidais em todas as partes de Roma.

Na Grécia este ritual atingiu antigos espaços sagrados em Delos, Delfos e Elêusis, e se desenvolveu particularmente em Atenas. Seus discípulos se espalharam também pelos territórios gauleses, na Espanha, na Arábia Saudita, em Portugal, na Irlanda e na própria Grã-Bretanha. (Extr. e Adap. SANTANA, Ana Lúcia: Textos Vários).

[xii] Nos Vedas, o Criador do Universo, Jagadisvara, é visto possuindo as formas masculina e feminina. Sendo a essência para a criação, o aspecto masculino e a matéria para a criação, o aspecto feminino. Assim Deus é criador, conservador e transformador (destruidor), ou seja, Brahma, Vishnu e Shiva respectivamente, e tem como base ou suporte, suas consortes: Sarasvati, Lakshmi e Parvati ou Durgã. (Extr. e Adap. www.yogalotus.com.br/trimurti.html).

[xiii] Símbolo do ideal da perfeição maçónica e que tem seis lados.

[xiv] Que se repararmos bem, não é mais que o cubo decomposto nas suas seis faces.

[xv] Nas restantes Obediências: O Grande Arquiteto do Universo.

[xvi] Numerologia ou mais precisamente numerologia onomástica é uma pseudociência ou onomástica que recorre à simbologia dos números e a operações matemáticas para interpretar os nomes próprios em análise de forma a predizer as caraterísticas da personalidade dessa mesma pessoa.

O conceito de Numerologia abrange supostas relações místicas entre números e a vida das pessoas. São vários os sistemas, tradições e crenças. Numerologia e advinhaçõespor meio de sistemas como a isopsefia foram populares entre os antigos matemáticos, como Pitágoras. Porém, hoje em dia a Numerologia é tida como uma pseudomatemáticapelos cientistas.[1][2]

Hoje, a numerologia é associada com paranormalidades, junto com a astrologia e outras artes de advinhação.[3] O termo também é usado para designar uma fé maior em padrões numéricos, mesmo quando não se pratica a real numerologia. Por exemplo, o livro *Numerology: Or What Pythagoras Wrought* (1997) do matemático Underwood Dudley usa o termo para se referir aos gurus do “Elliott wave principle” para análise de mercado de ações.

A numerologia moderna contém muitos aspectos de uma grande variedade de culturas e antigos professores, incluindo a Babilônia, Pitágoras e seus seguidores (na Grécia, 6º século a.C.), filosofia astrológica da Alexandria helenística, o sistema da Cabala dos Hebreus, o antigos Cristianismo místico e Gnosticismo, os Vedas Indianos, o "Círculo dos Mortos" da China, o Livro dos Mestres da Casa Secreta (Ritual dos Mortos) do Egito.[4]

Pitágoras e outros filósofos da época acreditavam que pelo fato dos conceitos matemáticos serem mais “práticos” (fáceis para classificar e regular) que os da física, eram mais reais.

Santo Agostinho (354–430 d.C.) escreveu "os Números são a Linguagem Universal ofertada por Deus aos humanos como confirmação da verdade." De modo similar a Pitágoras, ele também acreditava que em tudo havia relações numéricas e ele estava decidido a procurar e investigar os segredos dessas relações com as coisas reveladas pela graça divina. Ver sua obra “Numerologia e os Pais da Igreja” para entender os antigos conceitos cristãos. Porém, isso tudo não significa que Pitágoras possa ser considerado como “pai” da Numerologia, ele apenas começou a pavimentar o caminho para a observação de números como arquétipos e não simples numerais.

Em 325 d.C. após o Primeiro Concílio de Niceia, atitudes da Igreja a favor dessas crenças foram classificadas como violações civis pelo Império Romano. A Numerologia não encontrou mais apoio com as autoridades cristãs da época e foi classificada no campo das crenças não aprovadas junto com a Astrologia e todas outras formas de advinhação e magia. Mesmo sendo expurgada pela religião, a significância atribuída aos números dittos “sacros” não desapareceu. Muitos números como "888”, o número de Jesus, foram comentados e analisados por Doroteu de Gaza e a numerologia ainda é muito considerada, ao menos pela ala conservadora da Igreja Ortodoxa Grega.[5][6] Numerologia se fez proeminente com o Discurso “The Garden of Cyrus”, escrito pelo proeminente Sir Thomas Browne em 1658. Em suas páginas o autor tenta demonstrar que o número cinco e o relacionado padrão Quincuncepodem ser encontrados nas artes, desenhos e na natureza, em especial na botânica.

A Numerologia moderna tem vários antecedentes. O livro Modern *Numerology, The Power in Numbers* de Ruth A. Drayer (Editora “Square One”) informa que por volta da transição entre os séculos XVII e XVIII, Mrs. L. Dow Balliett combinou os trabalhos de Pitágoras com referências da Bíblia. Assim, em 23 de outubro de 1972, Dr. Juno Jordan , estudante de Balliett, fez progredir essas numerologia e criou o que hoje se chama "Pythagorean", mesmo que Pitágoras não tivesse nenhuma relação com isso. (Extr. e Adapt. Wikipédia).

Bibliografia

A República, de Platão
A vida de Pitágoras, por Jâmblico
A vida de Pitágoras, por Porphirio
A vida de Pitágoras, por Thomas Taylor, Londres, 1818
Geometria Pitagórica, por G. F. Allman
La natura secondo Pitágora, por A. Caporali, Turim, 1914
Os pré-socráticos, colecção OS pensadores. Ed. Nova Cultura, 1999
Vidas e opiniões de Filósofos Eminentes, por Diógenes Laertius
Pitágoras – Ciência e Magia na Antiga Grécia, por Carlos Brasílio Conte
Maçonaria – Escola de Mistérios, por Wagner Veneziani Costa
Wikipédia
Textos de autores desconhecidos.